

A HESITAÇÃO VACINAL CONTRA COVID-19 NA INFÂNCIA E O PAPEL DO PEDIATRA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

VACCINE HESITANCY TOWARD COVID-19 IN CHILDHOOD AND THE ROLE OF THE PEDIATRICIAN: A LITERATURE REVIEW

LA HESITACIÓN VACUNAL FRENTE A LA COVID-19 EN LA INFANCIA Y EL PAPEL DEL PEDIATRA: UNA REVISIÓN DE LA LITERATURA

Amanda Chagas Barreto de Miranda¹
Marta Livia Rocha Wanghon Ferreira²

RESUMO: A hesitação vacinal contra a COVID-19 emergiu como um dos principais entraves à efetividade das estratégias de imunização durante e após a pandemia, impactando de maneira significativa a cobertura vacinal infantil. Embora a vacinação pediátrica tenha demonstrado perfil favorável de segurança e eficácia, a adesão por parte de pais e responsáveis foi influenciada por fatores complexos, como percepção reduzida de risco da doença, insegurança quanto aos imunizantes, disseminação de desinformação e instabilidade no discurso institucional. Diante desse cenário, a atuação do pediatra assume relevância estratégica, não apenas como prescritor de vacinas, mas como mediador do conhecimento científico e facilitador do processo decisório das famílias. Esta revisão de literatura analisa criticamente os determinantes da hesitação vacinal contra a COVID-19 em pediatria e discute o papel do pediatra na promoção da confiança e da adesão vacinal. Evidencia-se que abordagens comunicacionais baseadas em empatia, escuta qualificada e individualização das orientações são elementos centrais para o enfrentamento da hesitação vacinal e para o fortalecimento da proteção da saúde infantil e coletiva.

Palavras-chave: COVID-19. Hesitação vacinal. Vacinação infantil. Pediatria.

ABSTRACT: Vaccine hesitancy toward COVID-19 has emerged as a major barrier to the effectiveness of immunization strategies, particularly in the pediatric population. Despite robust evidence supporting the safety and efficacy of COVID-19 vaccines for children, vaccination uptake has been undermined by a complex interplay of factors, including low perceived disease risk, concerns about vaccine safety, widespread misinformation, and weakened institutional trust. In this context, pediatricians play a strategic role that extends beyond vaccine recommendation, acting as trusted intermediaries between scientific evidence and family decision-making. This literature review critically examines the determinants of COVID-19 vaccine hesitancy in children and discusses the pediatrician's role in addressing parental concerns and fostering vaccine acceptance. The findings highlight that communication strategies grounded in empathy, active listening, and tailored guidance are essential to mitigate hesitancy and strengthen confidence in childhood immunization, ultimately contributing to improved child and public health outcomes.

Keywords: COVID-19. Vaccine hesitancy. Childhood vaccination. Pediatrics.

¹ Médica Residente de Pediatria pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá, Brasil.

² Pediatra pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá, Brasil.

RESUMEN: La hesitación vacunal frente a la COVID-19 ha emergido como uno de los principales obstáculos para la efectividad de las estrategias de inmunización durante y después de la pandemia, impactando de manera significativa la cobertura de vacunación infantil. Aunque la vacunación pediátrica ha demostrado un perfil favorable de seguridad y eficacia, la adhesión por parte de padres y tutores se vio influenciada por factores complejos, como la percepción reducida del riesgo de la enfermedad, la inseguridad respecto a los inmunizantes, la difusión de desinformación y la inestabilidad del discurso institucional. Ante este escenario, la actuación del pediatra adquiere una relevancia estratégica, no solo como prescriptor de vacunas, sino como mediador del conocimiento científico y facilitador del proceso de toma de decisiones de las familias. Esta revisión de la literatura analiza críticamente los determinantes de la hesitación vacunal frente a la COVID-19 en pediatría y discute el papel del pediatra en la promoción de la confianza y la adhesión vacunal. Se evidencia que los enfoques comunicacionales basados en la empatía, la escucha cualificada y la individualización de las orientaciones constituyen elementos centrales para enfrentar la hesitación vacunal y fortalecer la protección de la salud infantil y colectiva.

Palabras clave: COVID-19. Hesitación vacunal. Vacunación infantil. Pediatría.

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19, causada pelo SARS-CoV-2, representou um marco histórico na saúde pública mundial, com impactos significativos na população pediátrica. Embora crianças e adolescentes apresentem, em geral, quadros clínicos mais leves quando comparados aos adultos (LEITE, 2023), esse grupo não está isento de complicações, como hospitalizações, síndrome inflamatória multissistêmica pediátrica (SIM-P) e manifestações prolongadas, conhecidas como COVID longa (CARVALHO et al., 2020). Além disso, a elevada transmissibilidade do vírus reforça a relevância das crianças na cadeia de disseminação comunitária, justificando a atenção específica do pediatra no enfrentamento da doença

Com o avanço das pesquisas científicas, a vacinação contra a COVID-19 passou a ser considerada uma das principais estratégias para a redução de casos graves, internações e óbitos, especialmente na faixa etária pediátrica (LIMA et al., 2024). Evidências acumuladas nos últimos anos demonstraram que as vacinas aprovadas para uso em crianças apresentam perfil de segurança favorável e benefícios que superam os riscos, especialmente no que se refere à prevenção de complicações como a SIM-P (MUNÓZ et al., 2022). Nesse contexto, órgãos de saúde nacionais e internacionais, assim como sociedades pediátricas passaram a recomendar a vacinação infantil como medida essencial de saúde pública.

Apesar da disponibilidade dos imunizantes e das recomendações oficiais, observou-se, em diversos países, uma redução nas coberturas vacinais infantis durante e após a pandemia, fenômeno associado ao aumento da hesitação vacinal (SOUTO et al., 2024). A hesitação vacinal

é caracterizada pelo atraso ou recusa da vacinação e sua causa é multifatorial, como medo de eventos adversos, desconfiança institucional, circulação de desinformação e influência de aspectos sociopolíticos (BAGATELI et al., 2021). No Brasil, a hesitação vacinal relacionada à COVID-19 foi expressiva entre pais e responsáveis, impactando diretamente a adesão ao esquema vacinal infantil.

A disseminação de informações falsas ou distorcidas, especialmente por meio das mídias digitais, intensificou a insegurança da população em relação às vacinas contra a COVID-19 (PINTO, 2023). Pesquisas indicam que muitos responsáveis expressaram receio quanto ao rápido desenvolvimento dos imunizantes, à suposta falta de estudos de longo prazo e a possíveis efeitos adversos em crianças (MIDDLEMAN et al., 2022). Essas percepções, frequentemente desprovidas de embasamento científico, contribuíram para a construção de narrativas de risco que reforçam a hesitação vacinal.

Nesse cenário, o pediatra assume papel central no enfrentamento da hesitação vacinal, sendo reconhecido como uma das fontes de maior confiança para pais e responsáveis (MARQUES et al., 2024). Evidências apontam que recomendações firmes, aliadas a uma comunicação empática, escuta ativa e abordagem individualizada das dúvidas e medos, são estratégias eficazes para aumentar a aceitação vacinal (BALLALAI, 2025). Assim, mais do que um agente prescritor, o pediatra atua como disseminador de conhecimento científico, fortalecendo a confiança nas vacinas e contribuindo para a retomada e manutenção de coberturas vacinais adequadas na infância, repercutindo positivamente na saúde coletiva.

MÉTODOS

Foi realizada uma revisão sistemática da literatura, por meio da busca de artigos científicos e materiais publicados e indexados em bases de dados eletrônicos da BVS (Biblioteca Virtual da Saúde), SciELO, Periódicos CAPES e Google Acadêmico. As buscas foram conduzidas pela utilização dos seguintes descritores: “Hesitação vacinal”, “Vacinação”, “COVID-19”, “Pediatra”. Para a seleção dos materiais foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: artigos publicados nos últimos 5 anos; publicados em língua inglesa ou portuguesa; de acesso livre e na íntegra. No mesmo sentido, foram estabelecidos os seguintes critérios de exclusão: estudos publicados fora do período dos últimos 5 anos e que não abordassem a temática proposta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos estudos publicados nos últimos cinco anos evidencia que a hesitação vacinal contra a COVID-19 em pediatria atingiu proporções significativas em diferentes contextos geográficos (MELLO JUNIOR et al., 2024). Pesquisas observacionais e revisões sistemáticas apontam que a intenção vacinal dos pais variou amplamente, com taxas de aceitação inferiores às observadas para outras vacinas do calendário infantil. Em estudos realizados no Brasil e em outros países de média e alta renda, a hesitação esteve presente mesmo após a autorização regulatória das vacinas pediátricas, indicando que a simples disponibilidade do imunizante não foi suficiente para garantir altas coberturas vacinais (KAUSHIK et al., 2025).

Os dados mostram que um dos principais fatores associados à hesitação vacinal foi a percepção reduzida de risco da COVID-19 em crianças (LEITE, 2023). Muitos responsáveis relataram acreditar que a infecção teria curso benigno na maioria dos casos, minimizando a necessidade da vacinação e desconsiderando a importância da vacinação infantil para a saúde coletiva. Entretanto, estudos clínicos e epidemiológicos demonstraram que, embora menos frequentes que na população adulta, as complicações da COVID-19 em crianças existem e são muito mais frequentes do que os raros efeitos adversos descritos após a vacinação. A discrepância entre a evidência científica e a percepção dos pais revela uma falha na comunicação do risco, reforçando a necessidade de estratégias educativas mais eficazes (NEJM, 2022) e da intervenção ativa do pediatra na disseminação de informações a respeito da segurança das vacinas.

Outro achado recorrente na literatura foi o medo de eventos adversos relacionados às vacinas contra a COVID-19 (NEJM, 2022). Estudos qualitativos apontaram que o rápido desenvolvimento dos imunizantes gerou insegurança quanto à sua segurança a longo prazo, especialmente quando se tratava da vacinação de crianças. Apesar de grandes ensaios clínicos e estudos de vigilância pós-comercialização demonstrarem perfil de segurança favorável, essas evidências nem sempre foram adequadamente assimiladas pela população. Esse cenário evidencia um distanciamento entre a produção científica e sua tradução em linguagem acessível aos responsáveis, que muitas vezes perpetuam informações desatualizadas por desconhecerem o perfil de segurança, os verdadeiros índices de reações adversas e os benefícios da vacinação, não somente para a criança, mas também para a saúde pública.

A influência da desinformação foi amplamente documentada como um dos principais catalisadores da hesitação vacinal. Estudos relataram que redes sociais e aplicativos de mensagens funcionaram como importantes vetores de disseminação de informações falsas, teorias conspiratórias e conteúdos alarmistas sobre a vacinação infantil contra a COVID-19.

Pais expostos com maior frequência a essas informações apresentam maior probabilidade de recusar ou postergar a vacinação dos filhos (BIJHS, 2020). Esse achado reforça que a hesitação vacinal deve ser compreendida como um fenômeno social e comunicacional, e não apenas como uma decisão individual isolada. A tentativa de garantir taxas de vacinação infantil melhores necessita partir da reconstrução da confiança entre os pais e diversas esferas, incluindo a esfera política.

No contexto brasileiro, o impacto da polarização sociopolítica durante a pandemia reflete fortemente nos índices vacinais contra COVID-19 atualmente. Estudos sugerem que discursos públicos conflitantes e a politização da vacinação contribuíram para a erosão da confiança nas instituições científicas e sanitárias (BUTANTAN, 2024). Essa perda de credibilidade institucional refletiu diretamente nas decisões parentais relacionadas à vacinação infantil, ampliando a hesitação mesmo entre famílias previamente aderentes ao calendário vacinal. A persistência desses efeitos após o pico da pandemia aponta para consequências duradouras na relação entre sociedade e sistema de saúde. Com o objetivo de reduzir a perpetuação de informações incorretas e que prejudicam a adesão das famílias à vacinação, é importante que a construção de uma relação de confiança entre a família e o pediatra seja estabelecida, sendo o pediatra um dos primeiros responsáveis a orientar os pais de forma assertiva (SHAH., et al)

5

Frente a esse cenário, é importante reconhecer o pediatra como figura central no enfrentamento da hesitação vacinal. Evidências demonstram que a recomendação do pediatra é um dos fatores isolados mais fortemente associados à aceitação da vacina contra a COVID-19 em crianças (AAP, 2024). Pais que confiam no profissional e recebem orientações consistentes e atualizadas apresentam maior probabilidade de completar o esquema vacinal dos filhos, mesmo quando inicialmente hesitantes, reforçando o papel estratégico da consulta pediátrica como espaço de tomada de decisões importantes em saúde.

Além da recomendação direta, os dados apontam que o estilo de comunicação do pediatra influencia significativamente os desfechos vacinais (ASBAI, 2024). Abordagens baseadas na escuta ativa, empatia e validação das preocupações parentais são mais eficazes do que estratégias confrontacionais ou excessivamente técnicas. A literatura sugere que quando o pediatra reconhece as ansiedades dos pais e apresenta informações equilibradas sobre riscos e benefícios, há maior engajamento e adesão às recomendações vacinais.

Outro ponto relevante identificado foi a necessidade de preparo técnico e emocional dos próprios pediatras para lidar com a hesitação vacinal. Profissionais de saúde também

enfrentaram incertezas durante a pandemia, diante da rápida evolução do conhecimento científico. A falta de capacitação contínua pode comprometer a segurança do profissional ao dialogar com famílias hesitantes. Assim, faz-se importante enfatizar a necessidade de educação constante em saúde e acesso a fontes confiáveis para fortalecer o papel do pediatra como agente de confiança, garantindo informações atualizadas e com embasamento científico.

A hesitação vacinal contra a COVID-19 em pediatria permanece como um desafio complexo e multifatorial. Embora o pediatra exerça papel fundamental na promoção da vacinação, os dados sugerem que intervenções isoladas são insuficientes para reverter o cenário. Estratégias integradas de comunicação em saúde, fortalecimento institucional e apoio ao profissional pediatra são essenciais para reconstruir a confiança da população e garantir a proteção das crianças frente à COVID-19 e a futuras emergências sanitárias, além de evitar, também, maior redução na cobertura de outras vacinas do calendário infantil (WHO, 2019).

CONCLUSÃO

A hesitação vacinal contra a COVID-19 em pediatria mostra-se não apenas como um fenômeno estatístico, mas como um reflexo das complexas interações entre percepção de risco, confiança em saúde pública e cenários socioculturais. Evidências epidemiológicas e qualitativas indicam que preocupações com segurança e falta de conhecimento confiável foram consistentes entre os responsáveis por crianças, influenciando negativamente as taxas de vacinação infantil. Essa percepção, documentada em diferentes contextos, ressalta que a hesitação não surge apenas da falta de oferta vacinal, mas de falhas persistentes na comunicação e na educação em saúde.

Ao mesmo tempo, os profissionais de saúde, especialmente os pediatras, desempenham papel crucial na mediação dessa hesitação. Recomendações proativas dos pediatras aumentam significativamente a probabilidade de adesão vacinal, compensando parcialmente os efeitos da desinformação em massa. Isso destaca não apenas o valor do conhecimento técnico do pediatra, mas também sua posição de confiança social junto às famílias, um fator que nem sempre é adequadamente explorado em programas de imunização em larga escala.

Apesar disso, os próprios profissionais de saúde podem experimentar níveis variados de hesitação e concepções equivocadas sobre vacinas, influenciando potencialmente as interações com pacientes. Pediatras com melhor formação e experiência clínica tendem a ter menor propensão a equívocos sobre vacinas, sugerindo que a educação continuada do profissional é um componente essencial para fortalecer o discurso vacinal. Essa evidência sublinha a necessidade de políticas de formação que priorizem os temas de imunização e comunicação, não somente

dados técnicos, para que o pediatra seja um agente efetivo de mudança no cenário de hesitação atual.

Ao observar os fatores sociopolíticos mais amplos que moldaram a hesitação vacinal, torna-se evidente que a polarização e as controvérsias em torno das políticas públicas de vacinação impactam diretamente a confiança das famílias. Em ambientes onde as orientações sobre vacinação foram contestadas por figuras públicas ou divergências institucionais persistiram, a hesitação tende a ser maior. Essa constatação sugere que o enfrentamento da hesitação não deve ocorrer apenas no consultório, mas também por meio de intervenções macro em comunicação pública e governança da saúde.

Por fim, a hesitação vacinal contra a COVID-19 em crianças representa um ponto crítico para a saúde pública. O papel do pediatra transcende a prescrição de imunizantes, se entendendo à educação em saúde, à construção de confiança e à atuação como interlocutor entre a ciência e o cotidiano das famílias. Investir em formação, comunicação empática e engajamento comunitário pode não só reduzir a hesitação atual, mas também fortalecer a resiliência das futuras campanhas de vacinação, protegendo de forma mais ampla a saúde infantil e coletiva.

REFERÊNCIAS

7

1. LEITE, E. S. F. COVID-19 in pediatrics: a systematic review of current knowledge and practice. *Journal of Pediatric Infectious Diseases*, v. 18, n. 2, p. 123–134, 2023.
2. CARVALHO, R. M. C. et al. COVID-19 in pediatrics: an integrative review. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 9, p. 1–15, 2020.
3. LIMA, E. J. F. et al. COVID-19 vaccination in children: a public health priority. *Jornal de Pediatria*, v. 100, n. 1, p. 1–8, 2024.
4. MUÑOZ, F. M. et al. Evaluation of BNT162b2 Covid-19 vaccine in children. *The New England Journal of Medicine*, v. 388, n. 1, p. 1–12, 2022.
5. SOUTO, E. P. et al. Hesitação vacinal infantil e COVID-19: uma análise a partir da percepção dos profissionais de saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 40, n. 3, p. e00061523, 2024.
6. BAGATELI, L. E. et al. COVID-19 vaccine hesitancy among caregivers in Brazil. *Vaccine*, v. 39, n. 46, p. 1–7, 2021.
7. PINTO, M. D. B. Percepções acerca da hesitação vacinal contra a COVID-19. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 2, n. 4, p. 1–12, 2023.
8. MIDDLEMAN, A. B.; KLEIN, J.; QUINN, J. Vaccine hesitancy in the time of COVID-19: attitudes of teens and parents. *Vaccines*, v. 10, n. 1, p. 1–10, 2022.

9. KAUSHIK, A. et al. Pediatric vaccine hesitancy: trends and determinants. *Vaccines*, v. 13, n. 2, p. 115, 2025.
10. MARQUES, A. et al. Assessing vaccine hesitancy among healthcare providers in Brazil. *Jornal de Pediatria*, v. 100, n. 2, p. 1–9, 2024.
11. AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS. Perceived effects of COVID-19 on vaccine hesitancy and routine immunization. *Pediatrics*, v. 154, n. 4, e2024066819, 2024.
12. BALLALAI, I. O pediatra e a hesitação vacinal. *Arquivos de Asma, Alergia e Imunologia*, v. 9, n. 2, p. 1–6, 2025.
13. INSTITUTO BUTANTAN. Hesitação vacinal é multifatorial e deve ser enfrentada com diálogo e evidências científicas. 2024.
14. SHAH, A. et al. Vaccination hesitancy and its impact on immunization coverage in pediatrics: a systematic review. *Cureus*, v. 16, n. 4, e330621, 2024.
15. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Ten threats to global health in 2019, 2019.